

Becos da memória e do esquecimento

Elisângela de Lana Costa^{1*}

Resumo

O principal foco deste artigo é verificar como a cultura das personagens afro-brasileiras é encenada na obra **Becos da memória** (2006) e que novas identidades surgem a partir da fragmentação do sujeito. Trabalhando com a ideia de que a identidade não permanece intacta, já que sofre um processo de hibridização, o estudo procura mostrar os cruzamentos e os deslocamentos que estão na base da constituição da identidade negra dos personagens do romance. Corrobora, nesse sentido, a ideia de que as identidades estão sempre em processo, sempre sendo formadas, já que a identidade do sujeito, constantemente perturbada pela diferença, é aberta, contraditória, inacabada e fragmentada. Por isso, independente da origem, não há uma superior à outra.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. **Becos da memória**. Identidade em construção.

Introdução

O principal objetivo deste trabalho é investigar como o romance **Becos da memória** (2006), de Conceição Evaristo, propõe, através da memória da personagem Maria, discutir a identidade negra, tentando abordar o ser e o estar no mundo como negro a partir de suas vivências, para que o leitor reflita sobre elas.

Em função desse objetivo, procura-se evidenciar como Conceição Evaristo traz para a cena do texto literário o debate das representações imaginárias sobre negros e mestiços no que diz respeito ao silenciamento do negro na literatura e na cultura, à emersão de sua voz em diferentes contextos e à tradução de uma nova identidade negra que resulta em uma estética diaspórica, ou seja, aquela que se encontra em constantes mudanças, além de ser híbrida, por nascer entre as culturas branca e negra e permanecer em contato com elas.

Além disso, discutem-se os lugares ocupados pelo negro no romance, as estratégias adotadas pela narradora para retratar a realidade do afrodescendente, e ainda, a importância da memória para articular o tema central da obra aos conflitos e às formas de resistência do negro no contexto da narrativa.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

O negro: de objeto a sujeito na literatura

No Brasil, o negro foi interdito no seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata. Ademais, após o fim da escravidão, ele não teve garantias de condições reais de trabalho, moradia, alimentação e vestuário. Assim, não foi inserido nos quadros sociais da sociedade brasileira, mantendo-se em condição de marginalidade. Além disso, logo após a assinatura da Lei Áurea, a manifestação de seu costume virou caso de polícia e, ainda hoje, como na literatura eurocêntrica, por exemplo, em que tem a sua presença praticamente negada, ele sofre várias limitações devido ao racismo velado existente em nosso país.

Na contramão dessa realidade, a obra **Becos da memória** mostra que é impossível apagar a trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil porque, por meio da recriação de uma fatia dessa história, ela retira o negro da invisibilidade. Além disso, o próprio processo de escrita da obra, no qual uma narradora negra assume a escrita, pode ser pensado como resultado de um ato de transformação da marginalização em poder, na medida em que encena uma situação em que o negro apodera-se da palavra e se mostra através dela. Sobre esse assunto, Homi Bhabha afirma:

Quero voltar-me para esse processo pelo qual o olhar de vigilância retorna contra o olhar deslocador do disciplinado, em que o observador se torna observado e a representação “parcial” rearticula a noção de identidade e a aliena da essência. (BHABHA, 2006, p. 134 – destaques do autor).

Na obra em análise, o negro é retratado como sujeito da enunciação, com uma história de vida e com uma identidade híbrida que se formou ao longo dessa história que está inserida na História oficial. Essa atitude “reverte os efeitos da recusa dos donos do saber e do poder de modo que outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e se tornem a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento.” (BHABHA, 2006, p. 165 – destaques do autor). É a partir da memória que essa identidade é reconstruída e questionada, como no trecho em que a voz de Tio Totó, contando a própria história, é reproduzida por meio da fala da narradora Maria-Nova:

Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida e nem ele. (EVARISTO, 2006, p. 23-4 – destaques da autora).

Ao longo do texto, Totó vai revelando as suas angústias, as suas dores e as experiências dos negros, principalmente as de si mesmo. Com esses relatos, ele reconstrói a sua identidade e possibilita que Maria-Nova também possa entender as trajetórias de seus ancestrais e construir a sua própria identidade. Outra característica importante da obra é que o negro está sempre se mudando, demonstrando que ele não é dono de espaço algum.

Um aspecto relevante que depreendemos das histórias narradas por Maria-Nova refere-se à identidade assumida pelo negro na contemporaneidade. Nela ele se apresenta como sujeito de uma enunciação própria, que é e se quer negra. Essa identidade se opõe àquela do escravo passivo e dócil da época da escravidão e mesmo depois dela, rompendo com a postura subalterna anteriormente atribuída ao negro. O discurso dele nessa nova identidade assume postura ideológica, clara e forte, a qual revela sua condição e a da cultura afro-brasileira no país. Com essa nova atitude, o negro sai da condição de vítima retratada pela literatura eurocêntrica e passa a agir em defesa de seu espaço na sociedade que é sua de direito:

Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia a promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2006, p. 56).

Sabe-se que, durante a escravidão, o negro foi obrigado a seguir, por exemplo, a religiosidade branca, mas teve uma atitude de resistência, praticando tanto seus ritos religiosos quanto a religiosidade europeia. Essa mistura se perpetua até os dias atuais, como vemos no trecho:

Lembravam-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores e os padres (...).

- É Miquilina, se agarra à menina Catita, eu me agarro aos trapos. Santa Bárbara há de nos ajudar! ... (EVARISTO, 2006, p. 25).

No trecho em destaque, a fala de Tio Totó mostra que, no momento de desespero, a personagem acredita tanto em deuses de matriz africana quanto em santos de matriz europeia, como Santa Bárbara. Através dessa fala, percebemos que a atitude do negro foi manter laços com a cultura de matriz africana como forma de resistir à perda provocada pela violência do desarraigamento do continente africano e da imposição de uma cultura europeia como tentativa de apagamento da sua.

A partir da análise de passagens como a supracitada, verificamos que a identidade branca oficialmente registrada e imposta pelos europeus não existe, já que a identidade é aberta e se desloca constantemente. Nesse processo, assistimos, na narrativa, à construção de uma identidade que não é nem a branca nem a negra, e sim uma nova, híbrida. No hibridismo, em que as diferenças culturais se tocam de forma tanto complementar quanto conflituosa, nessa experiência de fronteira, o negro resiste à oposição binária e polarizada proposta por grupos raciais e culturais homogêneos e revela a complementariedade entre as culturas.

No romance, a identidade negra é mostrada através de costumes de matriz africana, como ocorre no excerto a seguir: “O samba, o som, a alegria voavam alto. (...) O som do pandeiro, da cuíca, do atabaque, das vozes saíam de dentro de todos.” (EVARISTO, 2006, p. 70). Assim, aquela cultura eurocêntrica, vista como modelo identitário, é desconstruída, enfraquecida, e aquela identidade que era considerada inferior se torna cada vez mais forte, mostrando-se cada vez mais, ganhando espaço no contexto narrativo e, por meio dele, projetando na sociedade um modo de ser negro que recupera, para os afrodescendentes, um espaço que lhes havia sido retirado, principalmente na época da escravidão, quando o negro foi calado e proibido de manifestar suas crenças, religiões e costumes e foi obrigado a seguir uma cultura branca ocidental que lhe impunha os seus costumes. Segundo Domingos Proença Filho,

Como os demais grupos étnicos, ele [o negro] é parte da comunidade que fez e faz o país. Se a luta em que se empenha se tornou contínua e necessária, isto se deve, como é sabido, ao fato de ter-se tornado alvo de tratamento social e historicamente discriminatório. (FILHO, 2004, p. 186).

Hoje, devido ao processo de hibridação, sabe-se que não existe, por exemplo, uma prática religiosa ou um costume melhor ou pior do que o outro. Reconhece-se atualmente que o povo brasileiro foi exposto, ao longo de sua formação, a costumes que não possuíam fronteiras, tendo sido influenciado tanto pelas antigas culturas europeias quanto pelas africanas. Ambas têm a sua importância na formação da identidade do brasileiro, e é isso que fica claro na obra de Conceição Evaristo, que nega estereótipos passivos e submissos historicamente creditados ao negro pela cultura branca, antes possuidora da identidade legitimadora. Segundo Bhabha, “a ameaça paranoica do híbrido é finalmente impossível de ser contida porque destrói a simetria e a dualidade dos pares eu/outro, dentro/fora.” (BHABHA, 2006, p. 168).

Sobre esse mesmo assunto, Stuart Hall afirma: “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.” (HALL, 2005, p. 74). Na obra em análise, essa ideia fica muito clara. Nela a oralidade se faz presente quando é encenada a fala, principalmente, das pessoas mais velhas da favela, que raramente tiveram acesso à escola:

Antônio João da Silva tinha uma letra bonita e sabia soletrar alguma coisa. Dava trabalho ler. Juntar letra por letra e no final a palavra. Depois juntar palavra por palavra e, no final, debaixo das palavras em ajuntamento, surgia algum pensamento, algum dizer bonito ou alguma bobagem. (EVARISTO, 2006, p. 24).

Essa é uma característica da identidade de algumas culturas ágrafas existentes no mundo. É o caso, por exemplo, de alguns segmentos indígenas e negros da população brasileira, que fazem uso da oralidade para contar a sua história, preservando, assim, sua tradição através da transmissão oral dessa identidade cultural aos mais jovens. Na obra, essa oralidade recupera ainda algumas expressões tradicionais, como os provérbios e os ditados populares que aparecem ao longo da narrativa. Observe alguns exemplos: “*MAIS VALE UM CACHORRO AMIGO DO QUE UM AMIGO CACHORRO.*” (EVARISTO, 2006, p. 24 – destaques da autora); “Dormia com o seu próprio olho e, quando um estava fechado, o outro estava aberto, abertinho.” (EVARISTO, 2006, p. 106).

Entretanto, ao mesmo tempo, a narradora Maria-Nova coloca-se como alguém que teve acesso à escrita formal para produzir sua obra, já que é através dela que

transmite os costumes e as vivências do seu grupo para além dele. Isso nos mostra o processo híbrido de construção narrativa encetado por Conceição Evaristo, no qual a contação de histórias é deslocada para a literatura escrita. Esse processo de deslocar a linguagem oral de seu ambiente natural – desterritorializá-la – e levá-la para um outro ambiente – reterritorializá-la na escrita – é típico da literatura menor, defendida por Deleuze e Gatarri, que afirmam: “A literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização.” (DELEUZE & GATARRI, 1977, p. 25).

Há, com esse processo de desterritorialização da linguagem oral promovido pela narrativa **Becos da memória**, um uso da língua portuguesa que, apesar de marcado pelas convenções da escrita, é atravessado pela oralidade. A atitude de elaborar a obra dessa forma pode ser vista como uma postura crítica de Conceição Evaristo em relação à língua modelar, padrão, para rasurá-la e dar visibilidade à diferença afro-brasileira, recriada na narrativa por meio do recurso à oralidade:

(...) pela diferença, reitera-se a exigência de a cultura nacional abrir um espaço que valorize a identidade afro-brasileira. Identidade construída a partir de uma história de ancestralidade africana que, cultural e fisicamente, reivindique a visibilidade de suas raízes. O posicionamento afirmativo dos indivíduos em torno de valores pessoais e culturais poderá favorecer uma igualdade política, econômica e social e a preservação de sua diferença. (FIGUEIREDO & FONSECA, 2002, p. 15).

Nessa linha de pensamento, observa-se também, na obra, a presença de certas práticas da cultura de matriz africana que foram silenciadas tanto pela literatura quanto pela História oficiais, mas que, ao longo da História brasileira, foram misturadas a práticas da cultura branca e incorporadas à cultura geral brasileira. Assim, ao retratar a memória coletiva, a autora nos revela muito das tradições, valores, práticas e saberes que remetem à cultura africana, para não permitir que seja apagada a parte da mistura étnica brasileira que remete à cultura negra. Os próprios personagens, ao longo da história, tentam preservar valores dessa cultura. Uma das saídas é o incentivo à formação de novas famílias e a tentativa de arranjar novos filhos:

O homem velho e o homem moço foram a caminho. O velho calado, o moço mudo. O homem moço comprou um pedaço de terra, passaram a lavrar o que era de seus, pai e filho. A vida seguia calma, boa, Luís vivia a cismar coisas, a falar sozinho. O pai olhava o filho, o filho olhava o pai, os dois estavam sozinhos. O pai queria tanto que o filho casasse, tivesse mulher e filhos, se multiplicasse, continuasse a raça. Luisão da Serra cumpriu os desejos do pai. Casaria. Uma negra calma haveria de ser a bonança, a paz, a lucidez de sua loucura. Teria filhos: Maria, Tatão, Natividade, Iliada e Joana. (EVARISTO, 2006, p. 37-8).

Nesse excerto, há tanto uma tentativa de preservar traços da cultura negra quanto o resultado de um processo de hibridação ocorrido ao longo da História. Essa característica se encontra nos nomes dados aos filhos de um afrodescendente. Maria, por exemplo, é um nome português, e Iliada é um nome grego. Todos se encontram em igualdade de significação no contexto em que foram empregados.

Ao elaborar a obra, Conceição Evaristo faz um jogo de construção narrativa que resulta da relação de espelhamento entre ela mesma e Maria-Nova, ou seja, Maria-Nova encena, na narrativa, a atitude da escritora negra brasileira. Assim, ao trazer para a cena literária as várias vozes que habitam a favela, mostra a possibilidade de lutar coletivamente contra os estereótipos impostos, subvertendo as definições estabelecidas pelas classes dominantes e produzindo a sua identidade com segurança e autonomia:

Ela disse se chamar Dora. Ela gostava muito do nome dela, aliás, Dora gostava muito de si própria. Ele disse se chamar Negro Alírio. Negro deveria ser apelido e Alírio o nome, mas ele dissera Negro Alírio. Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro ela só ouvia na voz de branco, e só para xingar: negro safado, negro filha-da-puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais! (EVARISTO, 2006, p. 89).

Esse orgulho que as personagens demonstram em relação à cor negra implica assumir uma atitude de resistência por parte dos negros, já que foi criada pelo sujeito em posição subalterna para suportar a dominação imposta por grupos detentores dos privilégios econômicos e políticos. Para isso, valores silenciados emergem no texto, a fim de ganharem mais visibilidade na sociedade e serem mais lembrados. Nesse contexto, há, no excerto, a ressignificação da palavra negro, de negativa para positiva, passando ela a ser ostentada com orgulho e não mais com

vergonha.

Assim, no que diz respeito à atitude da escritora ao traçar sua obra, podemos classificar **Becos da memória** como uma literatura menor, uma vez que

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. Vale dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura, deve escrever em sua língua (...). Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. (DELEUZE & GATARRI, 1977, p. 28 – 9).

Na obra, a contação de história oral é substituída por uma forma de contar através da língua portuguesa escrita rasurada pela oralidade. Além disso, a escritora tem uma postura política ao trazer o negro e sua história individual e coletiva, tanto recente – na favela – quanto distante – na época da escravidão, para a cena literária, além de privilegiar, ao longo do enredo, o coletivo em detrimento do individual, ou seja, o que prevalece na obra é a história dos moradores da favela, não a de uma moradora específica. Com essa atitude, a autora questiona a literatura oficial, eurocêntrica, que tende a apagar e silenciar o negro em seu discurso. Além disso, o próprio negro escreve, com suas angústias, sua visão de mundo, seus questionamentos a respeito da realidade. Para isso, Conceição Evaristo, além de ser negra e escrever, cria uma protagonista negra, Maria-Nova, que é a porta-voz de todos os moradores da favela e se coloca como um duplo da própria escritora afrodescendente.

A partir dessa ação, em **Becos da memória**, o negro começa a se redefinir como sujeito na sociedade, já que passa a se fortalecer e buscar mais claramente seus objetivos. Uma forma de desconstrução das regras já estabelecidas é subverter a ideia do negro como mal visto em seu meio social, como feio, mal apresentado, passando ele a assumir-se como possuidor de uma negrura bela e forte. Nesse contexto,

A literatura negra brasileira configura-se como *literatura de resistência*, ou seja, a que constrói com a matéria a cultura africana que sobreviveu na América em presença da cultura europeia e

indígena. A literatura utiliza o aporte dessa cultura resistente em uma produção que servirá para singularizar um grupo, fornecendo-lhe mitos, símbolos, valores, em suma, elementos que permitem a emergência de uma imagem positiva de si próprio. (BERND, 1987, p. 86 – destaques da autora).

Uma característica típica das sociedades tradicionais encenada na narrativa refere-se ao contato entre o velho e o novo. Na obra **Becos da memória**, o velho e o novo são representados, respectivamente, por Tio Totó e Maria-Nova. Através do contato entre eles, há diálogo, troca de experiência e amadurecimento do novo por meio das experiências contadas pelo velho, que representa a tradição, enquanto a criança representa o futuro, a esperança e a continuidade. A menina, a partir do contato com os mais velhos, passa a carregar em si toda a história de seu grupo social afro-brasileiro do presente, do passado e do futuro. Assim, ela, representando os que ainda virão, exigirá melhores condições de vida para esse segmento social, como afirma Tio Tatão. Os mais velhos querem lhe transmitir as experiências e reflexões sobre a vida, e ela está sempre disposta a ouvir, para continuar essa história de forma reflexiva.

Na narrativa de Conceição Evaristo, a contação de histórias de um mais velho acaba alimentando o imaginário de um mais novo. Assim, os fatos antigos ressurgem na atualidade, servindo de explicação para várias situações do cotidiano, como, por exemplo, a história dos negros nas senzalas e depois nas favelas e a interligação entre essas histórias. O interessante é que a autora privilegia essa situação ao longo de toda a obra, já que essa situação em que o velho – representado por Tio Totó ou Tio Tatão – conta, e o novo – representado por Maria-Nova – ouve aparece com frequência ao longo do enredo.

A narradora demonstra resistência social, cultural e política à dominação sócio-político-cultural branca, que, historicamente, discrimina a identidade do sujeito dominado. Isso é muito significativo, porque ela recupera toda uma memória que foi negada, silenciada e apagada pelo poder estabelecido ao longo da História brasileira. É por isso que, apesar de retratar os problemas da favela, ela dá uma atenção especial à solidariedade, tanto que, nas últimas páginas do livro, focaliza Bondade, Negro Alírio e Vó Rita, personagens emblemáticas em relação à solidariedade e à luta em prol da mudança dos moradores em sua busca por uma vida melhor. Isso nos mostra tanto a valorização da identidade negra quanto a necessidade de união dos afrodescendentes, defendendo a ideia de uma solidariedade negra. Por isso, é preciso, “de um lado, cultivar as tradições africanas (memória coletiva) e, de outro, propor uma releitura da História e a reversão do

binômio em que civilização é associada ao mundo branco e barbárie ao mundo negro.” (BERND, 1988, p. 42).

Outro elemento importante a ser ressaltado é o eu enunciador, que se afirma como mulher negra, comprometendo-se como aquela que, ao se mostrar com essa característica étnica e de gênero e trazer o seu grupo à presença dos leitores, apresenta uma luta antirracista. Ela se mostra, valorizando tanto a sua beleza física quanto a sua capacidade de refletir sobre a realidade em que vive:

“Morrer de não viver”, a ameaça de Cidinha-Cidoca pairou por alguns instantes na cabeça de Maria-Nova. Ela começou por desmanchar as mil tranças de seu cabelo como se desmanchasse aquele mortífero pensamento. O coração arfava no peito. Maria-Nova olhou-se no pedaço de espelho. Sentiu-se bonita e triste como a mãe. Fez um carinho no próprio rosto. Não, ela jamais deixaria a vida passar daquela forma tão disforme. Era preciso crer. Vó Rita, Bondade, Negro Alírio não desesperavam nunca. Não pensaria mais na ameaça de Cidinha-Cidoca. Era preciso viver. “Viver do viver”. A vida não podia gastar-se em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever. (EVARISTO, 2006, p. 146-7 – destaques da autora).

Não podemos deixar de comentar uma característica muito emblemática desse eu que se assume com propriedade como narradora na obra, contando a história de um grupo que foi silenciado devido aos limites impostos pela escravidão, é vítima de desigualdades sociais e econômicas, sendo reservados a ele os piores espaços físicos e culturais na sociedade: o fato de ser uma mulher.

Ao longo da História brasileira, as mulheres foram silenciadas, tiveram de lutar e muito para ocupar o seu espaço na sociedade e ainda hoje se encontram em desvantagem em relação aos homens em vários setores, como política e mercado de trabalho, por exemplo. Se essa mulher é negra, a inferiorização é ainda pior, já que é discriminada tanto em relação ao gênero quanto à natureza étnica, encontrando dificuldade em se firmar dignamente na sociedade em todos os setores.

Assim, estar presente na obra em análise uma voz feminina que perpassa todo o enredo é uma situação que transgride as regras pré-estabelecidas, revelando que as mulheres não são mais sustentáveis e que seu estatuto precisa ser modificado na sociedade atual. No romance, a mulher negra, silenciada pelo peso da subjugação e da discriminação históricas, ganha força e ocupa o espaço narrativo, comunicando

aos outros as suas impressões do mundo.

Para alcançar esse objetivo, a autora cria como protagonista uma pessoa ativa, que ouve as histórias de seus ancestrais, lê, observa a realidade, reflete sobre ela para tentar entendê-la. É uma mulher que busca sempre as explicações para a realidade em que vive, valoriza a própria beleza e revela muitas características de si mesma e de seu grupo social, deixando clara a necessidade de melhorias sociais tanto para ela quanto para os seus. A escrita se torna uma forma de resistência dessa mulher negra a modelos socioculturais e simbólicos impostos. Ao fazer essa articulação social da diferença, a narradora promove hibridismos culturais, proporcionando um momento de transformação histórica.

Hibridismo cultural e identidade diaspórica

A ideia de hibridismo é buscada na Biologia e, com o tempo, vai migrando para outros campos, como o da Linguística, o das áreas industrial, comercial e de crítica cultural. Nessa última, desde as últimas décadas do século XX, o conceito é utilizado para descrever novas culturas criadas em regiões de intensa mistura e/ou espaço de fronteira. Nesse momento, as preocupações da crítica cultural se voltam com frequência para as possíveis implicações de múltiplos movimentos migratórios dentro de um mesmo país, através de fronteiras nacionais e/ou continentais.

Essa é a situação da cultura negra brasileira, que sofreu diversas movimentações no percurso da África para o Brasil e, nesse espaço, no percurso do campo para a cidade, tornando-se cada vez mais híbrida em contato com as demais, como as indígenas e as europeias, e fazendo surgir a necessidade de se estudarem os processos de hibridação ou hibridismo surgidos nesse contexto para se referir, por exemplo, às práticas rituais de matriz africana e eurocêntricas que, ao mesmo tempo em que dialogam entre si, encontram-se divididas e desiguais.

Na obra em análise, o hibridismo pode ser pensado para analisar a cultura do periférico e do subalterno e a sua mesclagem, influenciando e/ou parodiando a cultura hegemônica central e, ao mesmo tempo, sendo transformada por ela, já que, como afirma Homi Bhabha, “cada vez mais, o tema da diferença cultural emerge em momentos de crise social, e as questões de identidade que ele traz à tona são agonísticas; a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade ou em uma tentativa de ganhar o centro.” (BHABHA, 2006, p. 247).

Após os negros serem traficados para o Brasil para trabalharem como escravos,

eles foram obrigados a seguir os costumes dos brancos e impedidos de exercer os próprios, os quais faziam parte de sua identidade. Com essa violência, eles foram obrigados a criarem formas de seguir os costumes dos brancos em público, mas, no espaço privado, nas senzalas, às escondidas, seguiam costumes e rituais de matriz africana. No contexto da narrativa, por exemplo, o nome dos filhos de descendentes de africanos eram escolhidos pelos brancos, como Maria. No entanto, se há alguma oportunidade, os negros não perdem tempo em reavivar a sua cultura, aproveitando para nomear seus filhos com nomes africanos, como se pode constatar no trecho a seguir:

Maria era igual, era a imagem pura de sua filha Ayaba. Filha para quem ele escolhera um nome bonito. Os sinhôs, naquele dia, estavam de bom humor ou de bom coração talvez e permitiram que ele, o pai, escolhesse o nome. Filha que ele pôde chamar de Ayaba, que, na linguagem dele e de seu povo, significava Rainha. (EVARISTO, 2006, p. 38).

O que pode ser depreendido desse excerto da narrativa também é que essas atitudes de valorização de traços da cultura de matriz africana são estratégias de resistência e que, ao longo da História brasileira, houve, com o uso de termos de uma e outra cultura, hibridismos em suas condições fronteiriças, não sendo possível separar exatamente o que é de uma e o que é de outra.

A partir da materialização da obra **Becos da memória**, pode-se afirmar que a cultura negra brasileira é encenada de forma clara, firme e sem nenhum temor. Entretanto, o interessante é que não há uma encenação exaltada da cultura negra, como se ela fosse mais importante do que a cultura branca. Não prevalece nem uma nem outra.

Segundo Stuart Hall, “na sociedade pós-moderna, o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada, estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2005, p. 12). Nesse contexto, a identidade é um processo em andamento, sendo assim instável, impuro, híbrido, incompleto. Por isso, como as identidades estão sempre sendo refeitas, não há culturas íntegras, puras nem coesas. Isso se deve à globalização, que possibilita uma mudança constante, rápida e permanente. Com isso, as estruturas sociais estão cada vez mais abertas, abrindo possibilidade de novas articulações, novas identidades, novos sujeitos e novas estruturas. As vozes marginalizadas aparecem

como ruídos nas transmissões oficiais, rasurando-as. Os centros, em contato com o meio, desintegram-se e formam inúmeros novos centros. As identidades, antes consideradas estáveis, fragmentam-se, formando inúmeras novas identidades, como pode ser verificado no seguinte trecho de **Becos da memória**:

Quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai teve uma surpresa. Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita! (EVARISTO, 2006, p. 36-7).

Inicialmente, no Brasil, como na época da escravidão, essas ações de contato entre culturas eram mais conflituosas, por haver uma tentativa de negação da cultura de matriz africana, mas foi preciso haver, ao longo da História, negociações nas quais os afro-brasileiros articularam esses elementos contraditórios, destruindo as polaridades negativas e se instalando num entre-lugar, espaço que carrega o significado da cultura afro-brasileira. Corroborando essa ideia, Homi Bhabha afirma:

Ele [o entre-lugar] permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas do ‘povo’. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polarização e emergir com os outros de nós mesmos. (BHABHA, 2006, p. 69 – destaques do autor).

A obra **Becos da memória** se evidencia como um entre-lugar na medida em que encena a identidade dos favelados como híbrida, sem fronteiras delimitadas, já que recebeu tanto influências da cultura branca quanto da negra. A identidade encenada na obra não é, portanto, negra nem branca, mas aquela formada a partir do contato entre as duas, de forma não só dialógica, mas também fissurada.

A literatura de Conceição Evaristo parte de uma realidade para elaborar a ficção. Assim, ao encenar essa realidade, acaba nos revelando valores, contextos políticos, ideológicos e culturais, mesmo sem se comprometer a assumir-se como fonte histórica. É o caso, por exemplo, do hibridismo das religiões europeia e de matriz africana encenado na obra, muitas vezes, não retratado em fontes históricas.

Segundo Hall, “sempre há o ‘deslize’ inevitável do significado na simiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado.” (HALL, 2006, p. 33). Então, nunca há, na cultura, um significado fixo e final. Essa lógica cultural é chamada atualmente de estética diaspórica, ou seja, aquela em que se está em constante mudança, por se encontrar em contato com outras. Assim, há sempre uma ideia de repetição com diferença ou de reciprocidade sem começo. A fantasia de um significado final continua assombrando pela “falta” ou “excesso”, mas nunca é apresentável na plenitude sua presença em si mesma. O próprio lugar de identificação é um espaço de cisão. Isso fica claro na obra em análise, já que as pessoas se identificam com a religião católica e praticam-na, mas a língua utilizada em sua prática é estranha ao grupo, prejudicando a compreensão da mensagem. É como se algo estivesse fora do lugar e causasse estranhamento tanto nos personagens quanto no leitor. Corroborando essa ideia, Bhabha afirma:

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *auto-cumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isto é, ser *para* um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade.” A identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 2006, p. 76-7 – destaques do autor).

Portanto, as identidades do sujeito vão se modificando ao longo da vida. Além disso, dentro dele não há um modelo estabelecido, mas identidades contraditórias que deixam o indivíduo em conflito e sujeito a constantes mudanças.

Na obra de Evaristo há um contato constante dos moradores da favela com os do bairro rico, já que as lavadeiras lavam as roupas das moradoras desse bairro, suas patroas, tendo contato mais próximo com elas: “A igreja do bairro rico ao lado da favela era de uns padres estrangeiros. Maria-Nova lá ia pedir selos. Ganhava das patroas de sua mãe e de sua tia.” (EVARISTO, 2006, p. 35). Nesse processo, a identidade se torna mais dialógica, resultando de antagonismos e articulações culturais, colocando em questionamento a hegemonia de diferentes culturas e construindo lugares híbridos, resultantes de negociações culturais.

É nesse processo que ocorre o deslocamento em relação ao outro, tanto do branco quanto do negro, a impureza na identidade, as oscilações entre a imitação e a originalidade, como no trecho:

Depois, muitos anos depois, uma ferida apareceu na perna de Sinhô moço, na mesma perna, no mesmo lugar. De nada valeu todo tratamento, todo cuidado. Nem médicos, nem garrafadas, nem rezas de pretos-velhos. A ferida sangrava, fedia e comia a perna do Sinhô moço. Os negros diziam que era castigo de Deus. E ficavam felizes, porque tinham um Deus que se vingava por eles e que um dia lhes daria o reino do céu. (EVARISTO, 2006, p. 58).

No excerto acima, verificamos um deslocamento em relação ao outro e um hibridismo em relação à religiosidade, já que garrafadas e rezas de pretos-velhos são rituais típicos de religiões de matriz africana, e o Deus que reservará o reino dos céus aos negros é católico, de religião europeia. O interessante é que não só os negros praticam a religião proveniente da Europa, mas também o filho do senhor – branco – pratica a de matriz africana. Essa hibridação, no entanto, não significa que não haja preconceito dos detentores da cultura oficial em relação à crença nos rituais dos descendentes de escravos:

Um ano, no aniversário de fundação da capela, um grupo de homens do Congo de Sô Noronha foi convidar o padre da paróquia vizinha para celebrar uma missa na capela. O padre respondeu que a missa não podia ser realizada em lugares profanos. Os homens do Congo não entenderam o que era profano. Maria-Nova, no dia da festa, rezou com mais fé ainda. Pensou consigo mesma: “O que sagrava a capela não era a água benta e nem a bênção do padre que não viera, mas as lágrimas, as dores, o desespero, a esperança, a fé do povo que estava ali reunido”. (EVARISTO, 2006, p. 159-60 – destaques da autora).

É possível verificar, no trecho supracitado, que, mesmo os moradores da favela praticando a religião católica, o padre se recusa a celebrar missa na capela existente dentro da comunidade, porque a religiosidade existente nesse local é híbrida, já que o congo é uma dança trazida pelos escravos ao Brasil durante o Período Colonial. Assim, o padre considera o local profano, ou seja, estranho ou contrário à religião católica.

A partir dos exemplos supracitados, percebemos que Conceição Evaristo, ao construir a obra **Becos da memória**, privilegia o processo de hibridação da cultura e a ideia de que não há dicotomias nem posições antagônicas em relação à cultura afro-brasileira e sim um terceiro espaço ambivalente e fluido em que identidades e relações são construídas. “No intervalo da cultura, no ponto de sua articulação

da identidade ou da perceptibilidade vem a questão da significação.” (BHABHA, 2006, p. 180). Nessa parte intermediária que demarca o contexto da obra, há o encontro e a mistura de duas culturas, abrindo espaço para o subalterno construir sua própria versão da memória histórica, desafiando as fronteiras do discurso e modificando sutilmente seus termos.

Diante disso, ao lermos **Becos da memória**, verificamos que tanto a identidade negra como a branca estão sempre sendo formadas, já que são identidades abertas, inacabadas e fragmentadas. A obra nos permite pensar que não se pode mais pensar em identidade com um significado fechado, mas apenas se pode pensar em identificação do sujeito negro, porque ele está sendo constantemente perturbado pela diferença. Sua identidade é de fronteira, podendo ser pensada a partir de um entre-lugar.

Essa forma de a autora tratar a identidade pode ser o caminho para proporcionar a verdadeira transformação histórica, já que os papéis fixos de diferentes grupos sociais são desconstruídos, quebram os limites e mesclam cada vez mais os costumes e as crenças. A fronteira perde a sua característica antiga de delimitação do espaço de cada cultura e passa a ser o espaço a partir do qual começa a se fazer presente a articulação de duas culturas, num jogo em que a cultura negra emerge cada vez mais forte.

Considerações finais

Na obra, Conceição Evaristo, através da memória, discute o processo de constituição da identidade étnica negra. A principal abordagem feita pela autora refere-se ao significado de ser e estar no mundo como negro. Ela retrata as vivências precárias de um grupo de favelados e afrodescendentes para que o leitor reflita sobre elas. Assim, há características do grupo que não são esquecidas, como a fome, a pouca escolaridade, o trabalho cansativo e pouco remunerado, a ameaça de perder o lugar de morada, o alcoolismo, a solidariedade, situações vividas ainda na contemporaneidade pela maioria dos afrodescendentes. Conforme retratado na obra, o grande problema é que, como na época da escravidão, quando os senhores mandavam e os negros obedeciam, a grande maioria permanece em silêncio, aceitando a condição que lhes foi imposta por teorias racistas e pelo senso comum eurocêntrico. Quando Maria-Nova estudava, por exemplo, a única colega negra da escola agia como se o termo escravidão nada tivesse a ver com ela.

A obra mostra que aquele negro proveniente da África já não existe; existem,

sim, seres mestiços, tradução de uma nova identidade em uma estética diaspórica, ou seja, aquela que se formou fora da África e se encontra em constantes mudanças, além de ser híbrida por permanecer em contato com as outras. Por isso, é preciso observar os contatos que os negros estabeleceram com novas realidades, novos sistemas e locais aos quais precisaram se adaptar e nos quais também acontecem as trocas de experiência entre a vivência urbana e a rural.

A partir dessas observações, é possível concluir que Conceição Evaristo, por meio da memória, encena, em sua obra, a presença do negro no Brasil desde a época da escravidão até a contemporaneidade, retratando suas vivências na senzala e depois na favela. Entretanto, o mais interessante nessa retratação é que ela deixa nítido, ao longo de sua narrativa, que, em nenhum desses momentos da História, o negro se manteve passivo, característica essa que contradiz a forma de encenação de sua imagem como dócil e silenciado na literatura canônica brasileira. Por isso, a literatura negra ou afro-brasileira a que Conceição Evaristo está vinculada é fundamental para que se entenda que o racismo ainda existe em nosso cotidiano, mas que também já existem vários escritores que refletem sobre isso e encorajam outras pessoas a fazerem o mesmo.

Abstract

The main focus of this article is to see how the culture of african-Brazilian characters is staged in **Becos da memória** (2006) and new identities arise from the fragmentation of the subject. Working with the idea that the identity does not remain intact, as it undergoes a process of hybridization, the study attempts to show the intersections and the shifts that underlie the formation of black identity of the characters of the novel. Corroborates this sense the idea that identities are always in process, always being formed, since the identity of the subject, constantly disturbed by the difference, is open, contradictory, incomplete and fragmented.

Keywords: Conceição Evaristo. Alleys of memory. Identity under construction

Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.
- DELEUZE, Giles et GUATARRI, Félix. A literatura menor. In: **Kafka**, por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castagnon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- FONSECA, Maria Nazareth; FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza Edições, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- PROENÇA FILHO, Domicio. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p.161-193, 2004.

